

A Revolução Russa avaliada por Florentino de Carvalho (1883-1947)¹

The Russian Revolution evaluated by Florentino de Carvalho (1883-1947)

Rogério H. Z. Nascimento

Doutor em Ciências Sociais e professor da UFCG.
Contato: rogeriohznascimento@yahoo.com.br.

RESUMO:

Este artigo apresenta algumas reflexões elaboradas por Florentino de Carvalho sobre o socialismo marxista. Focalizando as celebrações do centenário da Revolução Russa em 2017, há neste artigo uma recuperação de seu pensamento social de antes de 1917, dos dois anos seguintes e das décadas de 1920 e 1930. Alguns de seus escritos foram transcritos a fim de o/a leitor/a ter acesso direto ao autor. Na parte final do artigo há considerações situando-o no movimento operário no Brasil. Este movimento, com pensamento social próprio, teve suas produções intelectuais intencionalmente apagadas da história. Por esta razão há um desconhecimento brutal na atualidade, de diversos aspectos da sociabilidade anarquista posta em andamento pelos trabalhadores do período como quando de seus experimentos educacionais, associacionistas e de economia distributiva.

Palavras-chave: Revolução Russa, socialismo marxista, movimento operário, pensamento social, anarquista.

ABSTRACT:

This article presents some reflections elaborated by Florentino de Carvalho on Marxist socialism. Focusing on the celebrations of the centenary of the Russian Revolution in 2017, there is in this article a recovery of his social thought from before 1917, the following two years and the 1920s and 1930s. Some of his writings were transcribed so that the reader can have direct access to the author. In the final part of the article there are considerations situating it in the labor movement in Brazil. This movement, with its own social thought, had its intellectual productions intentionally erased from history. For this reason, nowadays there is a brutal lack of awareness of various aspects of the anarchist sociability put in place by the workers of the period as regards to their associanist, economically distributive and educational experiments.

Keywords: Russian Revolution, marxist socialism, labor movement, social thought, anarchist.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. (2017). A Revolução Russa avaliada por Florentino de Carvalho (1883-1947). *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 19, set-dez, pp. 79-106. Recebido em 2 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 30 de outubro de 2017.

¹ Texto originalmente apresentado Seminário 100 anos da Revolução Russa. Debates sobre democracia, socialismo e anarquismo entre 25 e 28 de setembro de 2017, UFPA.

Palavras iniciais

Florentino de Carvalho é o pseudônimo mais conhecido de Primitivo Raymundo Soares², que atuou intensamente no movimento operário brasileiro até a sua morte em 1947. Entrando para o movimento operário no final do século XIX, participou ativamente dos três COBs — Congresso Operário Brasileiro de 1906, 1913 e 1920; escreveu ativamente na imprensa assinando com seu nome e vários pseudônimos; integrou o coletivo editorial de jornais e revistas; publicou dois livros (Carvalho, 1932; 2015), tendo a polícia paulistana apreendido os originais de mais seis; dirigiu escolas em São Paulo e outras localidades no Brasil e na Argentina, além de ter participado em São Paulo da criação de uma universidade para trabalhadores no ano de 1915.

Seu pensamento social está registrado tanto nos livros por ele publicados, como na imprensa anarquista da qual foi colaborar e incentivador. Num trabalho de pesquisa e resgate de suas elaborações intelectuais, tenho me empenhado em publicar seus artigos em revistas e em livros (Carvalho, 2008; 2010; 2012; Nascimento, 2007; 2012). Ele, como tantos outros de seu período, são desconhecidos em nossa contemporaneidade. Mesmo estudiosos e interessados na questão social, fiam seu próprio pensamento em autores e referenciais conceituais formados fora dos setores populares. É bastante revelador da condição colonial, afetando concepções e sentimentos de pesquisadores e militantes sociais, este desconhecimento quanto às produções intelectuais de trabalhadores quando dos tempos de maior visibilidade e vigor do movimento operário no Brasil.

Um dos aspectos presentes em seus escritos diz respeito à busca de uma mais definida apresentação do anarquismo diante do socialismo. Desde seus textos mais recuados no tempo até os elaborados nos anos da década de 1930, quando combateu intensamente o socialismo autoritário

² Primitivo Raymundo Soares nasceu em 1883 na Espanha. Veio com os pais para o Brasil ainda criança, em fins do século XIX (Cf. Nascimento, 2000).

cuja mais completa expressão está no pensamento de Karl Marx. Para os objetivos deste artigo, me fixarei nas avaliações produzidas por Florentino em torno do socialismo marxista. Inicialmente percorrerei seus escritos anteriores ao ano de 1917, tendo como marco a Revolução Russa, em seguida os efeitos do bolchevismo no Brasil a partir de 1917 e dos anos de 1920 quando alguns anarquistas cogitavam da criação de um partido comunista. Por fim, pontuarei suas anotações nos anos das décadas de 1920 e 1930, arrematando com comentários breves na parte final deste artigo.

Antes de 1917

O escrito mais antigo de Florentino de Carvalho, por mim encontrado, tratando do socialismo autoritário é este logo abaixo, publicado no jornal *Germinal!* de São Paulo no 30 de março de 1913. Florentino integrava o coletivo editorial desse periódico. Curto e breve, o comentário sobre o Partido Operário da Bélgica indica a analítica constante do autor quanto a algum partido tido na qualidade de operário ou popular. Na verdade sua crítica ao socialismo autoritário tomou formas mais amplas, densas e intensas conforme o passar dos anos. Começemos por este seu primeiro artigo. Está completo por ser curto e direto.

Os maus pastores

Segundo um telegrama recebido há dias, de Bruxelas, o Congresso do partido operário da Bélgica aprovou uma moção, propondo a declaração de greve geral, no próximo dia 14 de Abril.

É sabido que os socialistas belgas cogitam desde longa data a declaração da greve geral para conquistarem a liberdade de eleger amos, o sufrágio universal.

Os traidores da causa do proletariado que tão insistentemente lutam por fortalecer as instituições burguesas com o concurso de todos os cidadãos, multiplicando os candidatos ao poder, como se os partidos reacionários já não tivessem bastantes, e chegam a tentar para isso uma greve geral, serão, como de costume, os primeiros a guerrear qualquer tentativa de greve que os trabalhadores procurem realizar para resistirem à imposição e exploração do patronato.

Os fatos estão a cada passo provando que os caudilhos do socialismo parlamentarista, ou legalitário, são os maiores e mais temíveis inimigos das classes trabalhadoras (Carvalho, 2012: 63 -64).

A contundência final do artigo manteve-se ao longo dos anos de suas colaborações na imprensa operária e anarquista. Os partidos socialistas seriam a causa de confusão de conceitos entre os trabalhadores, conduzindo-os, ao contrário do que difundiam, a adotarem posicionamentos favoráveis ao patronato e aos governantes, afirmando lutarem a favor da emancipação dos trabalhadores. No decorrer dos anos seguintes, este tema estará presente nos artigos elaborados por Florentino. Passarei para algumas de suas análises produzidas no ano anterior a 1917.

No importante jornal *Guerra Sociale* (1915-1917), em São Paulo publicado nos idiomas italiano e português, Florentino de Carvalho divulgou, nos números 24, 25 e 28 entre os meses de agosto a setembro de 1916, a série de três artigos com o título “Mentiras do socialismo”. Nestes escritos, ele prepara análises detalhadas do Partido Socialista Democrático. Pontua o empenho de seus adeptos em conduzir os trabalhadores de sua luta por emancipação não por meio da ação direta, mas confiando aos políticos a condução de suas vidas. Nesta altura, evidencia e pontua com destaque a inspiração deste partido nos escritos de Karl Marx.

Nesse momento em que os acontecimentos marcavam o ponto culminante da ruína do mundo antigo, de escravidão e de infâmia, e indicavam o despontar do sol da liberdade integral das classes operárias e de todos os seres humanos, surge, para desgraça das vítimas dos tiranos e exploradores, no próprio seio das coletividades subversivas a grei dos ambiciosos de mando e de riqueza, promovendo um movimento de reação contra os que mais se distinguem nas batalhas pela liberdade.

As épicas frases de Marx: ‘Trabalhadores do mundo uni-vos. — A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores’, passaram a constituir palavras vazias de sentido, tanto para o filósofo que as havia pronunciado, como para os

seus discípulos e para todos os socialistas autoritários. Entre os elementos chegados da classe burguesa, com o fim de dar novo rumo ao movimento operário, e os que, sendo, por muito tempo, militantes nas lutas sociais, não se haviam libertado dos prejuízos sociais, organizou-se uma força reacionária e dissolvente, a qual arrastou consigo um número considerável de aderentes à Internacional, dando a esta federação o golpe de graça, e, à burguesia, um novo triunfo sobre os homens do trabalho.

Para que os trabalhadores não se iludam com a dialética dos demagogos da política que se intitulam socialistas, sendo apenas agenciadores de votos, convém analisar as suas doutrinas, os seus princípios, as suas finalidades e os seus meios de luta, pois somente assim nos convenceremos de que constituem a melhor rede de escravização com que o regime burguês se mantém e se perpetua.

Ele prossegue, destacando sua crítica incisiva ao Partido Socialista Democrático intransigente na defesa da organização social centralizada em torno de um Estado de presença interventora e dominadora sobre todas as dimensões da vida social. Os socialistas atuam para o alargamento, aprofundamento e adensamento da ação violenta do Estado sobre o conjunto dos segmentos constituintes da sociedade. Nada ficaria fora de sua ação interventora e reguladora.

Os princípios, fins e meios sustentados pelos democratas socialistas podem ser enunciados da seguinte forma:

1º Centralização da riqueza social nas mãos do Estado.

2º Organização de uma república social em que o Estado seja o centro de gravidade do dinamismo social, sob o ponto de vista econômico, político e moral.

3º Conquista do poder público.

O Estado regularizará o desenvolvimento da riqueza, organizará o trabalho, ministrará a educação, a assistência, legislará sobre os cultos e distribuirá a justiça. O Estado, uma vez de posse de todas as forças vivas de um país, será o grande mandarim, o Deus onipotente, sem a vontade do qual não se moverá uma folha. Tendo em suas mãos a terra, o Capital, as rédeas do poder público e, em consequência, todos os meios de instrução e de educação do povo, assim como a imprensa e todos os

outros recursos de publicidade, com os quais se forma a opinião pública, o Estado, ou mais claramente, os governantes serão senhores absolutos dos países que estiverem sob o seu domínio. Os partidos de oposição não poderão existir porque carecerão dos recursos necessários à sua vida e desenvolvimento. O controle e a crítica tornar-se-ão impossíveis, porque não haverá quem conte com os elementos indispensáveis para organizar uma força capaz de se fazer respeitar pelos governantes.

Este regime é próprio, excelente, para dar lugar a uma exploração e a um despotismo nunca vistos, tanto pela sua extensão como pela sua intensidade.

Um movimento em tal sentido produziria apenas a mudança de amos, com tendência para uma nova forma de escravidão até hoje desconhecida pelo seu requinte.

Neste novo regime ficariam subsistindo duas classes perfeitamente distintas: a dos funcionários públicos, senhores, ao mesmo tempo, do poder e da riqueza, e a dos trabalhadores, salarizados, ao serviço do Estado.

A classe dominante passaria a ser, pelo próprio determinismo deste sistema social, uma vasta oligarquia principesca, cujo esplendor nobiliário e plutocrático estaria em razão direta das possibilidades econômicas e políticas.

Mas, dirão que um regime deste quilate não tem nada de socialista. Com efeito, uma sociedade desta ordem seria o polo oposto dos princípios socialistas; porém, é para estes novos horizontes que os socialistas autoritários, evoluíram, jactando-se de evolucionistas e criticando os ideais revolucionários propagados pelos anarquistas. Como é possível que alguém, apesar das incontestáveis demonstrações que apresento, julgue exageradas as cores com as quais descrevo o regime do socialismo democrático, reforço os meus argumentos com a autorizada palavra de um proomem do Partido Socialista e deputado ao Parlamento Italiano.

Este homem — Labriola — reconhece, como nós, que a democracia e o socialismo são coisas que se repelem. Uma é a negação da outra.

Diz o ilustre parlamentar socialista: 'A verdade é que o socialismo não é um derivado da democracia. Quando muito se pode dizer que uma e outra provêm da mesma situação histórica e foram simultaneamente originados. A democracia tinha por fim a ação em comum e solidarizada de todos os cidadãos dentro do Estado; o socialismo tinha por fim a ação distinta e separada dum grupo de produtores numa oficina ou no terreno dos antagonismos

econômicos, para daí irradiar para fora e investir contra o Estado.’ E, mais adiante acrescenta: ‘O partido socialista, pela forma como toma parte nas instituições atuais, torna-se para elas um elemento de conservação. Não pode fazer parte de ministérios ou de maiorias parlamentares sem defender o Estado. De resto, a experiência mostra-nos que não há maiores reacionários do que os socialistas, desde que chegam ao poder’.

O socialismo tem feição conservadora e reacionária não apenas por elaborar medidas insuficientes ao alcance de algo próximo de um ideário de justiça social, mas por fazê-las reprodutoras e galvanizadoras da organização social burguesa. Florentino de Carvalho tem em vista algumas propostas apontadas pelos socialistas democratas. Desta maneira, entende que as diversas iniciativas socialistas, como conselhos, cooperativas entre outras, são meios de emprestar maior fôlego, sustentação e expansão ao domínio e predomínio burguês.

Lançados na corrente reacionária, os socialistas democratas não podiam deixar de cantar as excelências dos processos tendentes a um lento movimento político sem alterar as bases das instituições históricas. Desde que descambaram para o terreno da política eleitoral e parlamentar, uma obsessão absorveu as suas energias e faculdades: a posse dos poderes constituídos.

Ora, os elementos que melhor podiam servir para este fim eram os que, de um lado inspirassem entre as classes trabalhadoras a possibilidade de um melhoramento econômico imediato, que é o que está mais ao alcance da sua fraca mentalidade, e que, ao mesmo tempo aparecessem ante as classes conservadoras como os principais elementos de ordem, de paz, dentro do regime burguês, servindo como melhor garantia da estabilidade e solidez do velho regime.

Com o fim de reunir em seu seio todas as forças sociais e chegar, assim, mais depressa, ao fim almejado, os socialistas democratas pretenderam contentar a todos e, as suas ideias passaram a ser *pau para toda obra*. Aventaram a ideia de criar leis protetoras, cooperativas de produção e de consumo, bolsas de trabalho e, também, conselhos de arbitragem, para resolver os conflitos entre o Capital e o Trabalho.

As leis protetoras, porém, só podiam ser criadas por parlamentares

operários ou socialistas. E aqui radica o motivo da propaganda pelo voto, da luta eleitoral, para levar às câmaras legislativas e aos ministérios, os homens de mais valia, de mais astúcia, ou os que, à custa do sacrifício da sua dignidade conquistassem a benevolência ou a proteção das figuras mais *brilhantes* do Partido Socialista Democrático.

O escopo a atingir era a harmonia entre o Capital e o Trabalho, sonho dourado de todos os burgueses.

Ainda foram mais longe os senhores socialistas da democracia. Forjaram doutrinas políticas, econômicas e morais, para cada classe social. Para os proletários, elaboraram princípios de socialização das terras, da riqueza social e, para os pequenos proprietários: agricultores, industriais e comerciantes, codificaram um programa de defesa da pequena propriedade. O socialismo democrático chegou a ser uma espécie de panaceia universal, e... *tutti contente* (Carvalho, 2012: 98-102).

Guerra Sociale foi um jornal muito importante nos acontecimentos que precederam os levantes populares em São Paulo em 1917. A campanha contra a exploração de menores, iniciada em 1915, conseguiu sensibilizar os setores populares contra a situação de extrema exploração e violência sobre a infância. Florentino integrava o coletivo editorial. Em suas páginas, ele se empenhou energicamente em levar os trabalhadores e os setores populares para posicionamentos mais e mais decididamente libertários. O debate por ele encetado com representantes do socialismo se deu também simultaneamente a polêmicas com companheiros anarquistas em torno do tema relacionado ao anarquismo diante do sindicalismo. Em continuidade ao seu artigo, Florentino indica em doze pontos as mentiras do socialismo:

O perigo maior que nos oferece o socialismo democrático encontra-se nos seus princípios, nas suas doutrinas, nas suas tendências antirrevolucionárias e antilibertárias, encontra-se nesse labor diário, de propaganda e organização, de manejos com os inimigos do proletariado, na ação dissolvente e enervante realizada entre as classes trabalhadoras, fazendo convergir as suas energias para uma luta inglória, estéril e prejudicial, que favorece

a classe capitalista.

Este movimento de reação, contrário às aspirações de emancipação humana, dirigido pelo Partido Socialista Democrático, é determinado:

- 1º Pela mentira patriótica e nacionalista;
- 2º Pela mentira do possibilismo estatal que se diz favorável aos trabalhadores;
- 3º Pela mentira da panaceia legalitária;
- 4º Pela mentira das virtudes do reformismo;
- 5º Pela mentira relativa à burla eleitoral e parlamentar;
- 6º Pela mentira dos valores do cooperativismo;
- 7º Pela mentira histórica, ou falsidade na exposição dos fatos históricos;
- 8º Pela mentira inerente à inversão das concepções filosóficas do socialismo;
- 9º Pelos princípios autoritários e hierárquicos do democratismo;
- 10º Pelos meios de luta que o Partido Socialista Democrático, desenvolve dentro da ordem e da lei do regime burguês;
- 11º Pelas suas finalidades imperialísticas e tirânicas;
- 12º Pelas ambições que estas tendências despertam entre os seus componentes, impelindo-os a uma luta desesperada para galgar os cargos públicos bem remunerados e sair, à brevidade possível, da situação de párias aguilhoados pelas necessidades econômicas (Carvalho, 2012: 106-107).

O último dos três escritos de Florentino acentua a sua crítica num ou noutro aspecto, arrematando sua abordagem do socialismo estatal ou autoritário, a partir da perspectiva anarquista. Para o autor, os socialistas provocam numa confusão entre sociedade e Estado. Este confusionismo é ressaltado neste artigo de encerramento.

O sofisma que entre os sociais democráticos está mais em voga é a confusão que estabelecem entre o Estado e a Sociedade. É sabido que o Estado é posterior à Sociedade e que a sistematização e organização estatal é de origem recente. Além disto, as funções da Sociedade e as do Estado são específicas, distintas, opostas.

A Sociedade tem por fim a solidariedade, a ajuda mútua, e a atividade das relações, dando a cada indivíduo maior soma de liberdade, de bem estar e de cultura. O Estado, ao contrário, é

um agrupamento de indivíduos mais ou menos arregimentados pela coação, submetidos pela força bruta. No Estado impera o arbítrio, o direito do indivíduo mais favorecido pelos privilégios. Na Sociedade o indivíduo é um homem que exerce livremente as suas faculdades, e desenvolve diretamente, com os outros homens, as suas atividades na produção e na distribuição das riquezas, e em todas as iniciativas da vida cultural e artística.

No Estado o indivíduo é um cidadão, um súdito, um autômato, cuja vida se acha ao capricho de terceiros, os quais não permitem que cada qual se mova sem o consentimento. Os governantes, absorvendo as funções da coletividade ou de cada indivíduo nas questões concernentes à direção da vida social e particular, obrigam os governados a obedecerem à lei, à autoridade, suprimindo, de fato, os mais mezinhos direitos e liberdades. Na produção e distribuição de riquezas o Estado ou funcionalismo público aplica a *lei do funil* açambarcando o produto do trabalho e deixando *sem camisa* os trabalhadores, que recebem um salário equivalente – se for – às mais prementórias e grosseiras necessidades.

Quanto à vida cultural e artística previamente o Estado toma as medidas necessárias para que o indivíduo não se desvie dos sentimentos e das ideias que devem formar um bom cidadão, capaz de sacrificar-se pela pátria e pelo regime político imperante. Nas relações jurídicas o Estado é o único juiz. O indivíduo não está autorizado a fazer ou deixar de fazer qualquer coisa, a não ser em virtude da lei.

Deste conjunto de fatos resulta um mal-estar, uma irritação constante entre todos e cada um dos componentes do agregado de indivíduos arregimentados, cuja explosão de revolta somente a força armada pode conter.

O Estado prejudica, pois a economia e a ética do povo, e, unicamente a sua ausência pode restabelecer o equilíbrio e a harmonia das relações entre os seres humanos. O Estado é um sistema de princípios e de instituições que suprimem o progresso, a liberdade e a moral, em toda forma, em todo tempo e lugar onde possa exercer as suas funções.

O *socialismo democrático*, cujo postulado tanto defende o estatismo governamental, é, pois, um catecismo de mentiras e de sofismas, que estão em pugna com os mais rudimentares princípios de organização social (Carvalho, 2012: 109-110).

O sentido de confusão entre conceitos e ideias, arrastando os trabalhadores a adotarem posicionamentos dúbios entre as propostas

libertárias e autoritárias, intensificou-se com a chegada de notícias sobre a Revolução Russa. A acolhida aconteceu de maneira entusiasta no mundo operário internacional e não foi diferente no Brasil. Os jornais e revistas dos trabalhadores registram o arrebatamento envolvente. A animação com a revolução aniquiladora da tirania dos czares deixava os trabalhadores empolgados com a possibilidade de execução das ideias de justiça, liberdade e igualdade social.

Depois de 1917: o movimento operário no Brasil sob os efeitos da Revolução Russa

O maior jornal operário no Brasil foi *A Plebe* (1917-1951). Editado em São Paulo, capital; em suas diversas fases foi semanal, quinzenal, mensal e chegou a ser diário nos meses de setembro a novembro de 1919. Sua existência expressa a energia de personalidades associadas em coletivos de editoriais, mas também envolvidos com escola, cultura, sindicatos e enfrentamentos em várias outras dimensões da vida social. A situação externa da primeira guerra e a interna com o recrudescimento da repressão aos trabalhadores resultou na impossibilidade de publicação do jornal no ano de 1918. Com a volta de sua publicação a partir do ano de 1919, as páginas de *A Plebe* registram acirrado debate agitando os trabalhadores em torno da revolução russa. As notícias sobre a ascendência bolchevique levou não poucos a demonstrarem simpatia pelo bolchevismo, a ponto de proporem a adoção, pelo movimento operário no Brasil, de suas concepções e práticas.

Desde este ano de 1917, *A Plebe* publica em suas páginas artigos noticiando os acontecimentos na Rússia. Mesmo com a precariedade das fontes de informações, elas registram o interesse existente entre os trabalhadores quanto às ocorrências naquele distante país. O entusiasmo é patente nestes escritos. Afinal, uma revolução socialista estava em pleno andamento naquele início de século XX e esta empolgação

geral possibilitava a discussão em torno da adoção, pelo movimento operário no Brasil, dos procedimentos instaurados pelos trabalhadores e camponeses russos e ucranianos.

Outros periódicos surgiram neste meio tempo, repercutindo o tema da Revolução Russa. *Alba Rossa*, escrito em italiano, surgiu em São Paulo no ano de 1919, mesmo ano do surgimento do jornal *Spartacus* no Rio de Janeiro. O coletivo editorial do jornal carioca estava inclinado à adoção do modelo bolchevique, iniciando a divulgação da criação de um partido chamado Partido Comunista do Brasil (PC do Br). *A Plebe* de número 08 de 12/04/1919 registra a fundação deste partido. Alguns dos integrantes do grupo editorial deste jornal foram os principais articuladores da criação do PCB no ano de 1922. Florentino de Carvalho escreveu em 29/03/1919, no número dez do jornal *Alba Rossa*, um artigo intitulado “La rivoluzione in Russia”, registrando a sua admiração com os revolucionários russos e, ao mesmo tempo, a existência de temores da burguesia internacional quanto à difusão da revolução, sobretudo, pelos países europeus. Ele torcia por este espalhamento na Europa e noutros países.

É a partir do ano de 1920 que começa em *A Plebe* o intenso combate contra o bolchevismo no Brasil. Vejamos algumas dos artigos elaborados por Florentino de Carvalho.

Anos das décadas de 1920 e 1930

No ano de 1920, Florentino de Carvalho dirige a revista *A Obra*, além de participar do coletivo editorial do jornal *O Libertário* e de *A Plebe*, publicados em São Paulo. Os dois primeiros periódicos concentram suas energias no enfrentamento ao bolchevismo. Junto com as publicações de *A Plebe*, Florentino deixa documentado seu esforço particular na recusa do bolchevismo e, mais largamente, do marxismo em quaisquer de suas manifestações. Assinando com outro pseudônimo — Content. —

divulgou em *A Obra* de 01/10/1920 o artigo “Vivamos às claras — Basta de confusionismo — Pelo despotismo autoritário ou pelo anarquismo”, como uma síntese do folheto “Contra o confusionismo” (Carvalho, 2017) publicado por editora portuguesa no mesmo ano de 1920.

O folheto “Contra o confusionismo” assinado por Content, mais um pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, demonstra o seu esforço em diminuir ou mesmo anular os efeitos da confusão de ideias e da adoção dos conceitos e práticas autoritárias, enquanto meio para se alcançar fins libertários. No ano de 1920, Florentino de Carvalho publicou intensamente, nos periódicos acima referidos, artigos críticos em torno do tema do socialismo marxista, do bolchevismo e quanto à presença de candidatos aos cargos políticos por socialistas partidários (nascimento, 2012: 127-169).

No espaço de tempo que vai de 1921 a 1925, Florentino de Carvalho adoeceu gravemente, foi preso por meses e abriu a “Lista de anarquistas perigosos” elaborada pela polícia paulista. Por esta razão, evade do Brasil em 1926, para retornar em princípios de 1931. Em sua fuga rumo à Argentina, passa pelo Rio Grande do Sul com tempo para providenciar a publicação de seu primeiro livro (Carvalho, 2015). Neste livro há vários capítulos dedicados a tratar do socialismo de Karl Marx como também da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.). Sua análise apontava para o fim da U.R.S.S. já em 1927 e deixava seus contemporâneos perplexos. Vejamos seu conteúdo, quando situa a tensão formadora das sociedades ocidentais no embate entre liberdade e autoridade posto desde séculos e de regiões diferentes:

As correntes de civilização que concorrem à formação da ética ocidental são: a oriental, a egípcia antiga, a helênica e a árabe. A civilização egípcia, pelo fato de adquirir sobre as outras mais poder de irradiação, penetra na Europa e instala sua sede na ‘CIDADE ETERNA’.

Por necessidades filhas das circunstâncias assimila³, da civilização indígena alguns traços essenciais e consolida a conquista dos novos domínios.

O fato não admite contestação: seja qual for o prisma por que encararmos a civilização romana da era cristã, havemos de descobrir, sob a polidez filosófica, científica e artística advinda da Universidade Ateniense e da Escola Alexandrina (metamorfoseada conforme a idiossincrasia nacional), aquela alma ascética, profundamente mística e despótica que florescera às margens do Nilo; havemos de esbarrar com as ‘sanguinárias leis de Moisés’, com o Direito tipicamente absolutista^{4*}.

A civilização egípcia estende desde Roma, por todo o Ocidente e parte do Oriente, a sombra da religião, o morbus da autoridade. Em compensação, o helenismo projeta desde Atenas a luz da filosofia positiva, o gênio das artes, a força espiritual.

A seguir, a civilização árabe invade a bacia do Mediterrâneo, portando como troféu de glória um riquíssimo tesouro de ilustrações, e como título de nobreza o exemplo vivo da liberdade, o caráter cavalheiresco, anárquico, que notabiliza uma raça nômade e culta. Os princípios da grisalha civilização egípcia refletem o movimento reacionário. Se vingasse definitivamente, regressaríamos à escravidão faraônica, à cultura hieroglífica.

Os princípios da civilização helênica e da árabe e o progresso ético realizado nas últimas centúrias, refletem a evolução para a liberdade e a fraternidade universais.

Daí o atrito.

Quem vencerá?

Podemos agora responder, de viseira erguida, à inquirição de Borgeois — onde nos conduzem as forças que se desbridam?

Após vinte séculos de domínio, a águia romana contempla desconsolada e impotente o sinistro do edifício egípcio-cristão, com todos os seus impérios e monarquias. Dele restam, para nosso museu, alguns esqueletos periclitantes: o da Inglaterra, o da Espanha e da Itália...

Que significa essa vertigem das dinastias e das classes reinantes?... Significa a caducidade de uma civilização grosseiramente fetichista, significa uma nova renascença.

³ A evolução do politeísmo, semi-relativista e democrata, para o monoteísmo, fortaleceu a escravidão dos povos ocidentais.

⁴ No original há aqui uma nota de mesma numeração da anterior. Creio ser intencionalmente colocada a fim de remeter o leitor para o mesmo texto.

Os movimentos políticos e sociais produzem-se com velocidade excepcional, escapam ao influxo das evoluções locais, por obedecerem à dinâmica social do mundo civilizado.

Por certo, aos bons observadores não escapa que, ao movimento reivindicador se incorporam e ameaçam a normalidade da evolução os partidos políticos da vanguarda, que no julgar da demagogia bolchevista, devem dirigir todos os seus esforços em sentido oposto às manifestações iconoclastas das massas.

Por este fato há quem tema pela sorte do futuro social.

Naturalmente, a burguesia, esgotados como estão todos os seus recursos de estabilidade, refugia-se, ampara-se na extrema esquerda, nos partidos que se rotulam proletários; estende-lhes as mãos, reivindica-os, engrossa as suas fileiras, assume-lhes a direção, fá-los passar por uma metamorfose basilar e doutrinária.

‘As classes conservadoras, de hoje, submetem o socialismo político a um processo de adaptação, como as de outrora submeteram o cristianismo primitivo’ ou, então, entretêm as classes trabalhadoras com as pitorescas gestões de administração estatal pelos chefes das organizações trabalhistas (Inglaterra, França, etc.), expondo-os ao ridículo, obrigando-os a governar (?) dentro do círculo de ferro das constituições monárquicas ou republicanas, sob controle da plutocracia, a imitação de qualquer ministério reacionário.

A situação não é, evidentemente, das mais lisonjeiras.

Cremos, entretanto, que alguns revolucionários se impressionam demasiado com os êxitos momentâneos e aparentes do socialismo democrata.

O papão socialista governamental, caso a burguesia continue a utilizá-lo em seus planos de ataque às multidões insubmissas, será ‘flor de um dia’ (Carvalho, 2015: 283-286).

Em seu segundo livro, Florentino elabora uma análise crítica da constituição do socialismo marxista como expressão autoritária afetando o pensamento social moderno. Situa neste diapasão uma crescente inclinação da vibração revolucionária para formas autoritárias. Vejamos.

CAPÍTULO XXI INCOERÊNCIAS DO SOCIALISMO DEMOCRATA DESORIENTAÇÃO SOCIALISTA

Durante a sua marcha através do Ocidente, a revolução nacionalista, republicana e democrática, que culminou nas memoráveis jornadas

de 93, e consagrou as liberdades políticas, um novo movimento se desenhava em seu seio, imprimindo à história a diretriz que leva as sociedades humanas ao estado de equilíbrio e de normalidade, decorrentes da igualdade social – o movimento econômico.

Infelizmente, este movimento que se enunciou sob a denominação de *socialismo* e que em seus princípios originários e negativistas visava acrescentar à liberdade política a liberdade econômica, incorreu em grave erro de orientação. A constatação desse fato estava patente na sua incoerência filosófica, que provoca a degenerescência⁵ das liberais e generosas inspirações populares, deslocando-as do seu curso natural para um pólo absolutamente oposto.

O SOCIALISMO FRANCÊS

Essas inspirações consignadas na parte crítica do socialismo utópico, foram contrariadas, sem má intenção, já se vê, pelas doutrinas econômicas e políticas de Cabet, Babeuf, S. Simon, Luis Blanc e todos os socialistas da época.

Enquanto o liberalismo individualista burguês postulava o fracionamento da propriedade, e a redução do Estado, e reclamava liberdades indispensáveis ao progresso da indústria, do comércio e da cultura, os teóricos do socialismo utópico, saíam-lhes ao passo com um sistema econômico e político retrógrado. Julgando fazer obra revolucionária, iniciavam a contra-revolução.

O socialismo francês, calcado nos princípios da centralização, alteando como providência universal e absoluta o poder político, cortava pela base os foros sociais e individuais.

Os seus apóstolos, por cuja imaginação não havia passado a ideia de autopsiar o Estado, tomaram esta entidade como princípio dinâmico do Direito, da Justiça, como um Deus capaz de remediar todos os males sociais

O SOCIALISMO GERMÂNICO

A esta altura, o socialismo irradiou-se sobre a Europa Central, encontrando os povos germânicos em luta pela respectiva unificação nacional e arrebatados pelo chauvinismo.

É lógico que uma burguesia surgida da revolução recebesse com júbilo um postulado político riquíssimo de princípios, em harmonia com o idealismo latente, com vistas à Constituição de um Estado perfeito, poderoso, destinado a ser cúpula da grande potência em formação.

⁵ Repetia-se o fenômeno da degenerescência do Cristianismo.

Na nova pátria, o socialismo transfigurou-se, foi despido das poucas roupagens liberais que o enfeitavam, e passou a formar um conjunto de doutrinas que faziam do homem, simples célula gregária do grande corpo político.

A morte do individualismo e do liberalismo teutônicos explica-se pelo novo domínio religioso da seita protestante, eivado de dogmas rígidos de onde o metodismo nasce e sutilmente se impôs.

O luteranismo alcançou com sucesso o governo absoluto sobre a personalidade.

Esse acontecimento explica-se também por força da hegemonia filosófica do neoplatonismo de Herschel e de Kant.

No domínio da espécie a teologia era secundada pela metafísica. Não tardaram, pois, os homens a agirem com todas as suas faculdades, seguindo um ritmo determinado, uniforme, constante e perpétuo.

Nos princípios religiosos, filosóficos e políticos, acima mencionados, é que se encontra o segredo da unidade, da força, da disciplina do exército germânico e da ‘social-democracia’ teutônica.

O militarismo e o socialismo germânicos eram, e ainda o são, duas escolas idênticas, solidárias, as quais se combinam e se complementam.

Paralelamente a este movimento, surgia no campo revolucionário a agitação dos comunistas democratas. Estes, como os mentores do socialismo político, não estavam ilustrados para conceber uma sociedade sem Estado, desta vez, absoluto.

É da raiz da constituição desse partido, que Carlos Marx e Frederico Engels elaboram o seu formidável libelo contra o capitalismo.

De resto, se de um lado Marx recorria à filosofia materialista, na sua crítica ao capitalismo, de outro, para construir as suas previsões econômicas e política, servia-se da metafísica.

Revelou-se, desde logo, cultor de um ecletismo singular e criador de um sistema de princípios heterogêneos.

A sua doutrina é o pináculo da evolução do socialismo de Estado. O postulado marxista adjudicou-se, sem razão, o título de socialismo científico, pois não possuía para isso elementos suficientes.

Com efeito, do mesmo modo que o socialismo utópico, o marxismo não estava fortemente impregnado nas ciências exatas e nas ciências naturais. Particularmente, as ciências morais lhe eram desconhecidas.

A escola marxista tinha por alicerce a filosofia do ‘materialismo

histórico', segundo a qual as leis da evolução, nas sociedades humanas obedecem, em regra, ao dinamismo econômico. È neste grau de perfeição que o socialismo germânico assume a posição de universalidade do socialismo internacional.

O SOCIALISMO NA RÚSSIA

Agravada a crise econômica, política e religiosa no império dos tzares, chegada ali a hora da revolução do Terceiro Estado (idêntica à produzida em fins do século XVIII em França) e o despertar das classes proletárias sacudidas pelas rajadas subversivas do Ocidente, abriu-se para o socialismo germânico, em direção ao Ocidente, (sic) um mundo novo.

A burguesia moscovita, em plena campanha de reivindicações, aberto o seu espírito às novas ideias políticas, embriagou-se de socialismo germanizado, principalmente de marxismo.

Na Rússia, o marxismo sofreu um novo processo de adaptação, e ficou reduzido a uma expressão indígena, em harmonia com as necessidades de um povo, que, ciente da sua grandeza, dos seus inesgotáveis recursos, e sentindo-se superior em inteligência e espírito, sonhava, como sonhavam os teutões com a gloriosa missão de civilizar a Terra.

Neste ponto, o seu orgulho não conhecia limites. O idealismo que daí floresceu tornou-se perigoso misticismo. São bem claros os postulados do socialismo democrático russo, para provar que o postulado socialista ocidental, havia sido, ali, amputado em seus valores sociais e tomado uma feição francamente imperialista.

Por último, a filosofia agrícola e pastoril, da quase totalidade do país, o estado rudimentar da mentalidade das massas, o seu fanatismo e humildade servil que as caracterizam, a domesticação milenária feita a golpes de knout, haviam preparado maravilhosamente o terreno para a frutificação do postulado marxista.

O povo russo estava, ao mesmo tempo, talhado para experiências à prova de fogo.

A infeliz gleba moscovita que chegava ao paroxismo da alegria quando se agitava bem alto a bandeira vermelha da emancipação, não suspeitava que, entre as dobras da mesma, se ocultassem os princípios de uma nova tirania (Carvalho, 1932: 89-94).

Em *A Plebe*, entre os meses de maio a setembro de 1933, Florentino de Carvalho, com as iniciais I. M. publica a série de artigos com título “Anarquismo e sindicalismo”. Num momento de discussão entre

anarquistas sobre a conveniência de sua atuação dentro do sindicato, alguns consideravam os limites do sindicalismo — como o corporativismo e o economicismo — motivo para se absterem do sindicato, Florentino procurou circunstanciar, historicamente, as relações entre movimento operário, socialismo, marxismo e anarquismo. Neste seu esforço, demonstra como as ideias de Marx penetraram setores do movimento dos trabalhadores, fazendo a exposição e a crítica dos postulados do socialista alemão. Na parte V desta publicação ele diz o seguinte:

Todas as revoluções através da história têm sido feitas depois de ter-se operado previamente uma transformação mais ou menos fundamental nos costumes e nas ideias.

Pois bem: essa mudança foi eficaz e resultou verdadeira em maior ou menor grau na medida em que recebeu a sua inspiração em anelos de liberdade e em desejos de progresso.

É por isto que em virtude de tantos fracassos e após muitas observações e experiências, os povos, tantos séculos oprimidos e os espíritos emancipados teriam de sentir a necessidade e apresentá-la de mudar o rumo da história para destinos de superior convivência.

Ao socialismo que se tinha nutrido de todas as investigações do conhecimento e constituiu, ao incorporar-se à vida do pensamento, a expressão das vontades humanas, lutando sem cessar pela redenção dos oprimidos, devia caber a enunciação e a solução teórica, no princípio pelo menos, de tão magno problema.

* * *

Expostas as origens da ideia socialista, definamos a sua significação para melhor compreensão do assunto que tratamos.

O Socialismo é a doutrina econômico-filosófica que constitui o expoente de um desejo de equidade social, afirmado pelos povos através do tempo e de unidade moral através do espaço.

Expressado de outro modo: O socialismo é a ideia moderna que propicia perante os homens e ante os grupos humanos a realização de uma nova convivência, cuja base associativa terá de ser a socialização de todas as riquezas obtidas pelo esforço comum, de todas as fontes destas, de todos os meios de trabalho e dos utensílios de distribuição e de intercâmbio.

O processo da cultura em todas as suas manifestações valorizou a firme consistência desta ideia e o desenvolvimento da técnica

contemporâneo veio a confirmar a praticidade e a excelência racional da mesma.

Mas apresenta-se, ante a precedente afirmação, a interrogação seguinte: pode realizar-se a socialização enunciada sem destruir as formas orgânicas da sociedade capitalista?

Desta consideração tiveram origem duas correntes distintas.

A partir de Marx e de suas teorias econômicas e pretendidamente científicas, têm-se vindo elaborando e reafirmando uma concepção que até ao aparecimento desta escola foi julgada como empírica. Estabelecendo como premissa fundamental o conceito materialista a que temos feito referência e limitando este, não sabemos em virtude de que razões científicas, a uma exegese meramente econômica. Marx e seus cooperadores chegam a alicerçar as suas teorias sobre um silogismo falso.

Depois de estudos conscienciosos em que foi analisado detidamente o influxo da vida econômica dos povos sobre as restantes manifestações ativas, termina-se tão pouco sabemos em razão de que ciência infusa – por deduzir uma conclusão mais extensa que as premissas.

Restabelece-se como principio o seguinte apótema: não é a maneira de ser social a que determina o processo e as contingências da vida econômica, se não que esta é a determinante do desenvolvimento e de todas as alternativas da vida política. Daqui deriva o principio errôneo do marxismo, consistente na interpretação materialista, ou dito mais exatamente, da explicação economista da história. De tal forma de compreender o desenvolvimento da vida social da espécie ininterrupta e quotidiana, haviam de desprenderem-se inevitavelmente outros erros fundamentais: o fatalismo introduzido na filosofia social e aplicado à realidade da história e o menosprezo do homem, o desconhecimento da vontade individual no desenvolvimento da vida coletiva.

Inferre-se do que fica exposto que, sociologicamente falando, o importante para o marxismo teria de consistir em acelerar (primeiro paradoxo, ou melhor, ainda, contradição flagrante, posto que ao formular esta expressão, se apela abertamente para a vontade dos homens) a marcha da produção, para que esta por sua vez impusesse uma evolução forçosa às instituições políticas que lhe são consubstanciais, ainda que sempre superposta em cada época.

Dos primeiros marxistas tão enfaticamente qualificados pelos seus próprios autores e divulgadores, de científicos, inferem-se os primeiros corolários: 1º O homem é produto e instrumento cego

do meio; este influi nos sentidos e orienta em todos os momentos e circunstâncias as faculdades e inclinações volitivas do individuo, sem que nunca possa produzir-se o fenômeno inverso. (Cremos que é Sorel quem afirma que ‘as invocações ao direito e à justiça não farão adiantar um só passo no caminho da historia’).

2º Que em maior grau que o meio material, é o ambiente econômico e os órgãos criados pelas necessidades do mesmo, os que fazem do individuo um prisioneiro, impondo-lhe um cometimento inevitável e obrigando-o a ser servo voluntário ou involuntário para a realização iniludível dos fins de cada ciclo histórico. (Ideia mecanicista esta última, tomada em parte de Comte e de Spencer e requeitada para ser encaixada em um molde ou sistema mais estreito).

3º Que os males existentes reconhecidos como tais, engendrados pela estrutura social de cada período, só podem ser superados por um processo de tempo durante o qual se opera o desgaste natural dos mesmos em virtude das mudanças trazidas pelo progresso que é a negação constante do ponto de partida. (Filiação hegeliana do marxismo).

Pois bem: daquilo que laconicamente deixamos dito, não se torna já presumível que haveria de ser demasiado estreita a base filosófica onde os teóricos do determinismo econômico quiseram levantar o seu sistema pretensamente científico?

Vejamos como o socialismo não podia caber dentro das quatro paredes de tão acanhado edifício.

* * *

Negar a independência — sempre relativa, como todas as demais coisas da vida — do homem ante o meio circunstancial que o rodeia, apagar duma penada a sua autodeterminação, o fator denominado determinismo psicológico, desconhecer que o individuo, além de motivos externos, também é movido por suas paixões, ideias e sentimentos, implica tanto como anulá-lo, ante a mais elevada consideração, como agente criador de um mundo novo.

E se o individuo não há de constituir o alicerce firme de uma nova ordem social; a pedra angular duma sociedade renovada, muito perto estaremos de pronunciar sem esforço que a sociedade, segundo o ritmo fatal da sua metamorfose, é tudo e a célula, o átomo integrante dela, nada significa.

Não deveremos concluir então, sendo lógicos com os raciocínios do fatalismo econômico, que se deve geral reconhecimento e servidão voluntária ao capitalismo e ao Estado como instituições

históricas impostas aos homens pelo processo material da história nas diversas latitudes do globo terrestre?

Assim o admitiu o marxismo e seguem-no reafirmando as suas distintas escolas e tendências políticas ao render tributo ao postulado que considera iniludível a transitoriedade do Estado, não somente durante o **‘período de supercapitalização’** mas também depois da revolução expropriadora, para os que olvidando as suas doutrinas aceitam à priori a utilidade deste fato.

É por isto que os senhores marxistas, sendo consequentes com o seu falso principio de sacrificar à sociedade o individuo, não podiam deixar de seguir a tradição histórica da sociedade autoritária que, com imperturbável obstinação, desconhecem sempre a autonomia de cada um de seus membros, estrangulou a existência soberana da individualidade e conspirou em todos os momentos e circunstâncias contra tudo que significasse direito individualizado, independência do homem no conjunto social, afirmação da consciência particular.

Porém, ante as reflexões precedentes, é possível que se nos objete: ‘Perdeste-vos numa bizantina digressão, estais em absoluto fora do lugar, porquanto o socialismo não passa de ser uma noção econômica que apresenta à consideração geral a necessidade de organizar a produção e a distribuição de forma que o resultado de suas vantagens e benefícios seja de proveito comum’.

Refutamos esta objeção respondendo: não é possível a realização da ideia e da vontade socialistas sem que o ensaio duma nova vida social tenha por base o princípio associacionista e federalista da liberdade (Carvalho, 2008: 33-36).

E sobre a U. R. S. S., mais adiante nesta série ele diz:

‘O regime cristão-estatal-capitalista deu à humanidade uma terrível lição: a demonstração de que a escravização das consciências, o predomínio sobre o pensamento e a dominação corporal, a exploração do esforço muscular dos homens, sempre converterá num inferno dantesco a vida social e apressará cada vez mais a degradação progressiva da espécie.

O Estado é uma entidade que se converte sempre em horrível realidade quando temos à vista e podemos examinar detidamente qualquer de seus agentes ou representantes: o juiz, o burocrata, o gendarme, o político profissional.

Descristianizai e descapitalizai a atual ordem de coisas e convertei o Estado em Deus e em patrão único.

Obtido este propósito, terá sido resolvida a grande questão?

Toda a gama de tipos autoritários, dogmáticos, cegos executores

da lei, autômatos obrigados a cumprir inexoravelmente o dever de sua função, ficam de pé. O mal que se pretende eliminar, longe de conjurar-se, aumentou-se, porque a instrução estatal e monopolista estenderam aos membros ativos que a sustentam suas atribuições omnimodas.

Suponhamos por um instante que tivesse sido realizado na Rússia o mentido comunismo do Estado. Haveria quem fascinado ante este fato tivesse a ousadia de afirmar que simultaneamente teria mudado a sorte do povo? Conseguir-se-á quando muito, seguindo esta via, solucionar em mais ou menos tempo o problema econômico. Mas poderiam, no fim de contas, os doutores da ciência econômica, os catedráticos da economia política, afirmar seriamente que a felicidade do homem há de concretizar-se no que poderíamos chamar o ideal do porco, que consiste em só engordar?

O homem não é um animal indômito ao que há que domesticar e cujas necessidades se reduzem à satisfação apenas de simples instintos biológicos.

Não o tendes assim admitido e estipulado para vós mesmo, senhores super-homens de todos os matizes do autoritarismo, traficantes da cultura e profissionais da indústria da legislação.

O ser humano em geral — não só o que pertence a uma casta privilegiada — é um ente moral que tem necessidades superiores além dos imperativos fisiológicos de nutrição. E não terá efetividade na manifestação das ideias e dos fatos a personalidade humana enquanto que, ajustando-se à natureza intrínseca e complexa do homem, não haja sido estabelecido e organizado, segundo as situações mutáveis, o meio social correspondente.

Não estamos vendo, como última experiência cruel na história, de que modo a sombra da Rússia se ostenta ameaçadora sobre as cabeças do mundo revolucionário?

Dentro dos limites até onde alcança o poder do Estado bolchevista, é demasiado sabido que pela ameaça de Solowiezky e de Sibéria e pela sugestão da boca dos mausers foi obtido peremptoriamente o sonho que acompanhou até o túmulo o inválido Tamerian: o acatamento absoluto dos dogmas do Kremlin. E para os que mais além das fronteiras do Soviete, não queiram submeter-se voluntariamente à sua bestial ditadura, fica reservado, imitando o sistema de todas as igrejas, o anátema fulminante da excomunhão. Os césores romanos e Napoleão intentaram conquistar o mundo levando a guerra a todos os povos que não quiseram submeter-se à sua vontade. Assim a Igreja ‘comunista’ de Moscou, que

deu à humanidade a impostura vermelha e a quem cabe a triste primazia de proclamar a excelência da ditadura sobre o valor da ideia de liberdade, condenou à morte, por agonia lenta, ou ao exílio perpétuo, aos anarquistas russos e estrangeiros de todos os seus domínios, aos heterodoxos do pensamento oficial e a todos os suspeitos de heresia. E com o mesmo espírito dominador e jesuítico, Lênin e Trotzky aconselharam a calúnia da qualidade de anátema contra os inimigos do exterior.

Não são arautos da discórdia em todas as reuniões a que assistem os catecúmenos da investidura vermelha?

É como todos os autoritários do presente e do passado têm a contumácia de impor ao conjunto social as suas fórmulas estreitas, a sua orientação unilateral e exclusivista (Carvalho, 2008: 41-42).

No ano de 1935 publica em *A Plebe* um artigo intitulado “Revolução de massas” com outro pseudônimo: Angelo Lasheras. Note-se a permanência de sua crítica às ideias de Marx como a U. R. S. S.

Difícilmente haverá alguém que desconheça a existência de um partido político que há dezessete anos domina, de Norte a Sul, a grande extensão do território russo. Os métodos empregados pelos agentes desse partido, espalhados por todas as partes do globo, consistem na prática da violência para impor os seus princípios, visando, principalmente, à classe média, – advogados, jornalistas, empregados públicos bem remunerados, assim como oficiais do exército e da marinha, e em segundo lugar, as classes proletárias dos campos, fábricas, oficinas, soldados e marinheiros...

Torna-se preciso, antes de tudo, explicar o que em realidade é o comunismo pregado por Karl Marx, que não passou de ser um simples plagiador das ideias e conceitos de outros pensadores que anteriormente haviam expendido os seus conhecimentos científicos, mal digeridos pelo sociólogo alemão, que se arvorou em inventor do ‘Comunismo’, mas dentro de um princípio autoritário que não se coaduna com os sentimentos de liberdade das coletividades humanas.

Mikhail Bakunin, o genial pensador russo, que contraditou com ele, deixou bem esclarecido o ponto de vista libertário, deixando-nos como herança o mais amplo conceito de liberdade.

O homem não deve sujeitar-se à palavra de ordem lançada a esmo por indivíduos sem escrúpulos, cujos efeitos desastrosos constituem a causa de que a humanidade siga por caminhos tortuosos e

sofra, assim, as consequências dos choques sanguinolentos sem resultados práticos. Dia a dia, esses choques acentuam-se mais, até chegarmos a uma guerra civil em que tomarão parte a maioria dos povos, cuja carnificina difícil nos será prever, dado o grande confucionismo reinante entre as classes proletárias que seguem a orientação dos que se arvoram em pastores para arrancar o último fio de lã dos infelizes que vivem do trabalho.

Como a principio íamos dizendo, o ‘Marxismo’ tem por fim:

1.º Implantar um regime em que a propriedade privada passará a ser diretamente do ‘Estado’, sem dar a mínima satisfação ao povo por esse gesto de apropriação tão indébita quanto a do regime capitalista-burguês’.

2.º Toda a produção será administrada pelo ‘Estado’, que intervirá nos negócios de cada um, com a máxima despreocupação, com imposições que passam todos os limites do ‘bom senso’ como há bem pouco sucedeu com os camponeses russos que, entendendo que a produção pertence a quem produz, se negaram a entregar a sua produção ao Estado, sendo, por essa razão, chacinados barbaramente, por meio de gases asfixiantes e metralhadoras, obrigando-os a desprenderem-se da sua produção para entregá-la ao Estado...

3.º Todo individuo que se manifestar contrario às determinações despóticas do Estado, será passado pelas armas sem formação de processo de espécie alguma, ou metido nos presídios políticos que abundam em toda a Rússia e que abundarão em todo país em que for estabelecido o ‘Novo Estado’, — Em suma, eis aí onde nos querem arrastar os ‘engenheiros de pontes carcomidas’. Se o proletariado não quer, de fato, enterrar os sentimentos de igualdade social, deve livrar-se do domínio da política marxista, porque o caminho das ditaduras só poderá levar ao maior derramamento de sangue, à supressão de todas as liberdades, ao domínio da exploração dos trabalhadores em benefício do Estado (Carvalho, 2012: 203 – 204).

Fica evidente a crítica de Florentino de Carvalho ao dinamismo concentracionário e absorvente do Estado marxista mais emblemático: a extinta U. R. S. S. Quando Florentino escreveu boa parte dos artigos aqui apresentados, nem de longe estava colocado a quem tivesse alguma inserção no vasto campo do socialismo, a sua derrocada. Para o autor, o socialismo estatista apresenta-se, sobretudo a partir das ideias de Marx,

como fator de autoritarismo sobre os segmentos sociais, com destaque aos trabalhadores e discordantes. O caráter centralizador do Estado toma maior vulto com sua expressão marxista apresentada na U. R. S. S. Quem não se adaptasse teria triste fim sob as forças de repressão de um tal Estado marxista.

Palavras finais

No ano de 2017 comemora-se cem anos da Revolução Russa. No Brasil contemporâneo houve vários eventos comemorativos deste acontecimento importantíssimo no século passado. Os impactos desta revolução se espalharam pelo planeta. O proletariado internacional recebeu as primeiras notícias com forte entusiasmo. No Brasil o regozijo do movimento operário é possível de ser avaliado com a consulta dos jornais e revistas do período. É este o ponto complicado, porque as fontes primárias como documentos históricos, jornais, revistas e livros produzidos num esforço coletivo dos trabalhadores, são desconhecidas em nossos dias. Os periódicos só muito recentemente tiveram parcela consideráveis colocados ao acesso da pesquisa através da internet. Os livros, por outro lado, não são reeditados.

Mesmo existindo diversas publicações de pesquisas sobre o movimento operário no Brasil, ainda assim há um desconhecimento abissal quanto ao pensamento social operário elaborado nas primeiras décadas do século passado. Foi este o tempo em que o movimento operário possuía densidade existencial visível nos impactos transformadores da vida social no Brasil. Isto pode ser verificado com as lutas e conquistas em termos de mudanças nas condições de vida e de trabalho dos setores populares.

Este desconhecimento é fruto da construção de uma *cartografia intelectual* (Nascimento, 2012) favorável às ideologias políticas universalistas, cujo predomínio tem sua instauração a partir da chamada Era Vargas (1930-1945). Apresentar estes excertos de escritos de Florentino de Carvalho, com o recorte temático relativo à Revolução Russa, busca fazer justiça

a um operário cujo esforço intelectual e prático ficou sob a poeira do tempo e do apagamento calculado.

Recuperar as reflexões e estudos de figuras como Florentino de Carvalho nos oferece a ocasião tanto para conhecer contribuições intelectuais e estudos elaborados por trabalhadores no Brasil, como também refletir sobre os rumos abraçados pelos segmentos sociais, sobretudo os populares, a partir da referida Era Vargas. No caso do tema em destaque, a luta e energia desprendida por Florentino de Carvalho e outros contra o crescimento do fascismo em suas diversas colorações e modalidades foi hercúlea. Suas análises servem também de apreciações elaboradas na contramão do entusiasmo nacionalista, de forte teor do conservadorismo religioso, afetando as diversas camadas sociais no Brasil.

Na sua luta a favor de um socialismo libertário, Florentino de Carvalho é a expressão da existência de uma economia distributiva posta em andamento no movimento operário. As realizações dos trabalhadores, como congressos nacionais e internacionais, escolas e universidade popular, jornais, revistas e livros, teatro operário, excursões de propaganda, auxílio financeiro a trabalhadores enfermos, aprisionados ou expulsos, foram possíveis por conta da prática de um reordenamento da economia, inclinada para uma dinâmica distributiva.

A crítica do pensamento social de Karl Marx, como também do bolchevismo, parte da recusa aos procedimentos centralizadores, de dominação, universalista e repressor orientando conceitos e processo social. Para Florentino de Carvalho, mesmo com a retórica cheia de indignação contra as injustiças sociais, o socialismo de Marx, e de seus adeptos em diversas expressões e o bolchevismo, em particular, produz a tirania e a continuidade da exploração dos trabalhadores e das camadas populares. Pensando nestas implicações, Florentino de Carvalho procurou com vigor, interferir no rumo dos acontecimentos, inclinando o processo social para vibrações libertárias.

Referências bibliográficas:

Periódicos:

- A Plebe. São Paulo – SP. 1917-1951.
 A Obra. São Paulo – SP. 1920.
 A Voz da União. São Paulo – SP. 1922.
 O Libertário. São Paulo – SP. 1920.

Livros:

- ARCHIVOV, Piotr. (1978). *História do movimento macknovista (a insurreição dos camponeses da Ucrânia)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976.
- BAKUNIN, Mikhail (2001). *Escritos Contra Marx*. São Paulo: Nu-Sol/ Editora Imaginário.
- CARVALHO, Florentino de (1932). *A guerra civil de 1932 (em São Paulo): solução imediata dos grandes problemas sociais*. São Paulo: Editorial Ariel, 1932.
- _____. (2008). *Anarquismo e sindicalismo*. Organização de Rogério Nascimento. São Paulo: Imprensa Marginal.
- _____. (2012). *Anarquismo e socialismo*. Organização de Rogério Nascimento. São Paulo: Imprensa Marginal.
- _____. (2015). *Da escravidão à liberdade. A derrocada burguesa e o advento da igualdade social*. [1ª edição 1927]. 2ª ed. Apresentação e notas de Rogério H. Z. Nascimento. Organização e revisão de Renato Lauris Jr. Seridó: RN.
- _____. (2017). *Contra o confucionismo – pela lógica – pela organização anarquista – falsa e perigosa ilusão verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 32, pp. 65-81. Disponível <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2017/11/verve32.pdf>.
- GLUCKSMANN, André (1978). *A cozinheira e o canibal. Ensaio sobre as relações entre o estado, o marxismo e os campos de concentração*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GUILLÉN, Abraham (1988). *Economia Libertaria: alternativa para un mundo en crisis*. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo.
- _____. (1990). *Economia Autogestionaria: las bases del desarrollo economico de la sociedad libertaria*. Madrid: Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo.
- _____. (1990). *Socialismo Libertario: ni capitalismo de monopolios, ni comunismo de Estado*. Móstoles: Ediciones Madre Tierra.
- KROPOTKIN, Piotr (2000). *O Estado e seu Papel Histórico*. São Paulo: Nu-Sol/ Editora Imaginário.
- MAKHNO, Nestor (1988). *A “Revolução” contra a revolução: a Revolução Russa na Ucrânia, março 1917 — abril 1918*. Tradução de Milton José de Almeida. São Paulo: Cortez.
- MOORE, Carlos (2010). *O marxismo e a questão racial. Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro.
- NASCIMENTO, Rogério H.Z. (2000). *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- _____. (2012) *Cartografias intelectuais: políticas do pensamento social verve*, revista semestral autogestionária, São Paulo, Nu-Sol, v. 22, pp. 99-116. Disponível em <http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/01/verve22-ilovepdf-compressed.pdf>.
- TRAGTENBERG, Maurício (2007). *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora UNESP.
- VOLIN (1980). *A revolução desconhecida. Nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917)*. V. 1. São Paulo: Global Editora.
- WALTER, Nikolas (2000). *Do Anarquismo*. São Paulo: Nu-Sol/ Editora Imaginário.
- WOODCOCK, George (1983). *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários. (vol.1 — A Ideia)*. Porto Alegre: L&PM.
- _____. (1984). *Anarquismo: uma história das ideias e movimentos libertários. (vol.2 — O Movimento)*. Porto Alegre: L&PM.